

IMPRESSO

CONTRATO Nº 3956791  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

DF

L . E . T . R . A . S

Câmara Legislativa do Distrito Federal  
Ano II - Nº 21 a 22

Suplemento Cultural  
1995



ADVERTÊNCIA  
02 MAR 1995  
Câmara Legislativa do Distrito Federal  
DF

é... boi!

: I m a n t e d e T e d e r :

Zé  
Ramalho  
(PDT)

*Brazlândia é uma das regiões mais ricas em tradições folclóricas não só dentro do Distrito Federal, mas em todo o estado de Goiás. Basta lembrar da "Festa do Divino", o mais importante evento religioso da comunidade, que atrai milhares de turistas e tem como elementos principais a "folia de roça" e a "folia de rua", em que podemos presenciar a famosa dança da "catira" e o "cantori" (ou cantoria). Por essa razão, defendemos a construção, na satélite, da Casa da Cultura, para melhor divulgar esses eventos.*

Odilon  
Aires  
(PMDB)

*O bumba-meu-boi, tradição dos escravos, principalmente os que ficaram radicados no Nordeste, em especial no Maranhão, é festa folclórica e popular que encanta a população brasileira, especialmente a interiorana. O Distrito Federal, constituído notadamente por nordestinos, tem o seu marco popular com o bumba-meu-boi em Sobradinho. Com o apoio da comunidade, o maranhense Teodoro Freire continua lutando para manter a tradição.*

# BRASÍLIA

## dos candangos

■ RONALDO CAGIANO

*Mineiro de Cataguases, advogado, poeta, escritor e economiário, Ronaldo Cagiano reside em Brasília há quinze anos e é um defensor confesso de nossa cidade. Neste artigo Cagiano alia-se a outro amante de Brasília: o professor, escritor e poeta de renome nacional, Cassiano Nunes (foto).*



*Os dois, tomados de indignação, contestam a campanha de uma minoria oportunista, descontente e saudosista, que tenta infundir na opinião nacional conceitos e valores depreciativos da capital federal.*

*Segundo Cagiano, JK soube ver além do seu tempo ao construir Brasília, e Cassiano Nunes soube muito bem apreender esse espírito. Hoje, Brasília é um caleidoscópio da alma e da identidade nacional. Viva a Brasília dos candangos! A cidade tem alma, agita-se e repudia a imagem desgastada e impopular com que tentam rotulá-la.*

**N**inguém tem expressado tão bem, como Cassiano Nunes, o sentimento brasiliense diante das assacadiilhas contra a capital do País que um certo e ressentido grupo tem deflagrado, impiedosamente, contra esta terra. Em contundentes e aplaudidas incursões pela imprensa, nosso poeta maior vem exorcizando o farisaísmo maniqueísta dos que vêm, orgânica e sistematicamente, caluniando e ofendendo este sítio, onde a invocação bandeirante, aliada à utopia possível e aos sonhos de um estadista, plantaram um novo tempo em nossa História.

Professor, escritor e poeta de vasta e festejada obra, emérito conhecedor de nossa língua e raízes, Cassiano Nunes, em um artigo tão realista quanto apaixonado, intitulado *Em defesa de Brasília*, publicado no *Cultura de Fato*, destaca a importância da capital federal como síntese de um País heterogêneo, mas em busca de sua identidade e afirmação como Estado, povo e nação. Vale lembrá-lo agora, neste trigé-

simo quinto ano de inauguração da nossa capital, sobretudo porque Brasília tem sido alvo de uma campanha de desmoralização e depreciação jamais vista desde sua construção, pois uma minoria oportunista, descontente e saudosista tenta infundir na opinião nacional terrível idéia a seu respeito disseminando conceitos deploráveis sobre sua vida, sua gente e seus valores, até mesmo com insinuações sobre a esdrúxula e anacrônica volta da capital para o Rio de Janeiro.

Cassiano Nunes, em sua defesa, nos dá brilhante testemunho-lição: *"Brasília, projetada desde os primórdios da Pátria pelos melhores filhos, os de espírito mais penetrante, o que por isso pareciam videntes e profetas, surgiu para dar consistência a um país geograficamente frouxo, descosturado, incompleto, fragmentado, e também para vencer a alienação colonialista. Foi construída para impor a interiorização e a dinamização do interior. Brasília teve por missão dar ao Brasil os seus remates, as suas feições definitivas, o seu acabamento. Ainda hoje o Brasil é uma nação*

*inacabada, como a sinfonia de Schubert. Deixamos de fazer o que os americanos fizeram com absoluto sucesso: assumir a posse total do território. Ao contrário, o Brasil, passada a febre do bandeirismo, com raras e fulgurantes exceções, como a marca épica do café em terras de São Paulo e Paraná, acocorou-se junto ao litoral, aguardando notícias da Europa, depois substituída pelos Estados Unidos".*

É certo que o interesse desmedido desses poucos renitentes, nostálgicos e surrealistas, de uma miopia cediça, suplanta o entendimento e a compreensão sobre o movimento de transferência da capital do litoral para o interior. Com isso olvidam, em face do inconformismo e até mesmo da maledicência, a real necessidade de integração que Juscelino defendeu como projeto nacional, fazendo com que aquele Brasil concentrado no sul-sudeste pudesse abrir a fronteira do centro-norte do País, deflagrando um processo de desenvolvimento e valorização de imensas, despovoadas e desassistidas regiões. Brasília vinha na direção desse projeto, ao encontro de um novo parto, de uma emancipação geográfica. E JK soube ver além do seu tempo, desarticulando com diplomacia e decência política todos os entraves à consecução desse ideal. Cassiano Nunes reflete sobre essa realidade e vaticina: "*Nossas migrações marcham na direção contrária ao progresso e até ao bom senso. Em vez do nosso caboclo se arraigar na terra ou em terras novas, vem para as metrópoles mendigar, ou, o que é pior, engrossar hostes do banditismo*".

Brasília construída e consolidada como capital federal, caleidoscópio da alma e da identidade nacional, vem sendo ultrajada, alvejada e discutida com menoscabo por determinados setores da vida nacional, que a culpam pelos males por que passa o País, atribuindo-lhe, numa afirmação deturpada e iconoclasta, os desvarios políticos, econômicos e sociais que nos solapam, como se ela fosse tão-somente esse mar de lama e podridão, esquecendo-se de que Brasília é maior que o proselitismo caviloso que esses próceres de sua negação tentam esgarçar.

Há um engano danoso, lesivo nesse *jus*



### *Os anjos da Catedral, guardiões silenciosos de Brasília*

*sperniandi*. Uma campanha caluniosa de alguns a culpam pelo fracasso político dos governantes, pelas diatribes execráveis de certos membros do parlamento, pelas *débâcles* econômico-financeiras e pelos descaminhos administrativos, não levando em conta que isso é fruto de um reduzido número de homens cujo comportamento político e social nada tem a ver com a capital, mas origina-se em sua (deles) formação política, bagagem que trazem de suas hostes, jungidos ao poder pelo voto popular, e cuja escolha às vezes escapa ao controle ético do eleitor.

Brasília - a cidade e seu povo - não têm, nunca tiveram e não terão jamais, vocação para *underground* político, valha-couto de certos atalhos impunes da vida legislativa e parlamentar, desvio de suas instituições ou inspiração para os arranjos que aqui são urdidos por um segmento que não representa genuinamente o lugar. Com o golpe de 64 e a sucessão de governos ilegítimos e parlamentos subservientes e manipulados, Brasília travestiu-se num deplorável antro de politicagem, castelo impermeável às investigações, sob o patrocínio

de conservadores burgueses e empedernidos, possibilitando tram-se na contramão da história, garroteada que foi a liberdade, inviabilizada a democracia e descumprido o senso ético de toda ação político-partidária naqueles anos nebulosos. Brasília, não a dos políticos, mas a dos candangos, construtores, trabalhadores e honestos cidadãos, é uma cidade que renega as mazelas e luta para desfazer a imagem desgastada e impopular que, a todo custo, insistem em projetar sobre ela. Porque, malgrado toda a mácula impingida por setores descontentes que a parasitam e não a curtem plenamente, Brasília constitui-se numa sociedade limpa, com uma população decente, esperançosa, altruísta até. Ela vibra, agita-se, produz, conquista seu espaço real e cresce rumo ao futuro almejado pelo resto da nação brasileira, pois abriga em seu torrão todos os brasis.

Assim, não é difícil defendê-la, como o fez Cassiano Nunes, pois como arremata em seu artigo, "*evidentemente as cidades não têm culpa da qualidade de senadores e deputados que, de maneira superficial e efêmera, freqüentam as assembléias que nelas se localizam. Há anos venho defendendo Brasília, que não precisa de defesa, mas a idéia muito antiga e atual da marcha para o Oeste, que há muito devia estar concluída, tal como aconteceu nos Estados Unidos no século passado*".

Por tudo isso, entendemos que Brasília não é esse arauto da vergonha nacional, como querem (porque querem) certos inconformados e recalçados cidadãos, nem a razão da ignomínia e do pesadelo que paira sobre as instituições. Estes, sim, são os atavismos de um sem-número de políticos arrivistas que aqui aportam, advogando interesses escusos, menores e antipopulares e, como aves de arribação ou abutres de ocasião, empestam, denigrem e envilecem a vida pública, repassando à cidade e aos seus cidadãos injusto estigma, o que vem sendo denunciado, a duras penas, por todos nós brasilienses, nativos ou adotivos, que a temos na melhor das contas.

# A literatura brasiliense existe, sim, senhor!

Lúcia  
Carvalho  
(PT)



*O bumba-meu-boi, originário do ciclo econômico do gado no Brasil, sendo um folguedo com influência das raças responsáveis pela nossa colonização, é considerado o maior espetáculo popular do Maranhão. Advindo de brincadeiras dos escravos que trabalhavam nas fazendas e engenhos no século XVIII, o bumba-meu-boi tornou-se uma das expressões folclóricas mais antigas do Brasil. Falar do bumba-meu-boi no Distrito Federal é lembrar do trabalho feito pelo nosso amigo Teodoro de Sobradinho, um lindo espetáculo de cores, uma brincadeira simples e pura que fascina a todos os que podem assistir a ela.*

Maria José  
(Maninha)  
(PT)



*A riqueza do folclore brasileiro tem sido pouco divulgada e valorizada. O bumba-meu-boi, felizmente, caiu nos braços da mídia e hoje tem direito até a "bumbódromo". Mas há manifestações igualmente ricas que precisam ser mais valorizadas. É o caso da folia de reis de Jamuária, norte de Minas Gerais, onde nasci. A cada 6 de janeiro, diversos cantadores saem pela cidade desfilando poesia e recolhendo donativos. A folia termina numa grande festa popular, onde dança-se a catira, bebe-se aguardente de primeira e come-se o que há de melhor da culinária mineira. É, enfim, uma festa bem brasileira que o Brasil precisa descobrir.*

Tomar providências junto ao Poder Executivo para que haja mais bibliotecas escolares e públicas, fazer com que a literatura brasiliense passe a ser incluída no currículo do curso de Letras da Universidade de Brasília e pelo menos um livro de autor brasiliense seja obrigatório nos programas dos vestibulares. Estas três medidas fazem parte de uma extensa lista de reivindicações lançadas durante o seminário **A Literatura Brasiliense Existe? Prove!**, organizado pelo gabinete do deputado Geraldo Magela, do PT.

O seminário, realizado no auditório da Câmara Legislativa do DF, entre os dias

5 e 6 de outubro, conseguiu fazer com que um bom número de pessoas mostrasse seu interesse pela literatura e pelo que se escreve, hoje, no Distrito Federal.

Os debatedores, como o senador Arthur da Távola, o jornalista Luiz Guttenberg, o professor Danilo Lobo e o editor Victor Alegria, além do próprio Magela, concordaram em um ponto primordial: apesar do descaso da imprensa, apesar das dificuldades de se levar os originais ao prelo e apesar da crise por que passam as letras em todo o País, a literatura brasiliense existe e é dona de qualidade admirável.



O deputado Magela (C) presidiu a abertura do encontro dos escritores

## Fórum do escritor

O presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal, deputado Geraldo Magela, participou, em setembro passado, como convidado especial, do XI Fórum Permanente do Escritor, promovido sempre às sextas-feiras, às 18:30h, pela Diretoria de Literatura da Secretaria de Cultura e Desporto, na sala Pompeu de Souza da Fundação Cultural.

Com a sala lotada de escritores, Magela apresentou o anteprojeto de sua autoria e da deputada Lúcia Carvalho, criando a Bolsa-Brasília de Publicações Literárias. Basicamente, a proposta apresenta os seguintes pontos: só poderão concorrer à bolsa escritores residentes no Distrito Federal; os direitos da obra serão da Fundação Cultural, como órgão

executor do projeto; 1/3 dos exemplares impressos serão distribuídos entre as bibliotecas públicas e as das escolas do DF; cada escritor só poderá recorrer à bolsa de 4 em 4 anos.

Será constituído um júri para a escolha das obras financiadas pela Bolsa Brasília de Publicações Literárias. Farão parte dele representantes do Conselho de Cultura, do Sindicato dos Escritores do DF, da Fundação Educacional, da Associação Nacional dos Escritores e um escritor de renome e prestígio nacional. O anteprojeto de lei ainda será submetido ao plenário da Câmara Legislativa para aprovação dos deputados distritais.